

A CONCRETUDE DA VIDA DOMÉSTICA KAIOWA: O USO DA HISTÓRIA E DA TÉCNICA COMO FERRAMENTAS ANALÍTICAS ETNOGRÁFICAS

LARISSA MATTOS DA FONSECA¹

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-0083-5222>

RESENHA

MURA, Fábio. **À procura do “Bom Viver”: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2019.

À procura do “Bom viver”: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa (2019) é algo mais que a história Kaiowa e pouco menos que a cosmologia e a técnica Kaiowa. As relações de parentesco, as contingências históricas e a ordenação e a manutenção da ordem do mundo, quando distribuídas nos fluxos ordinários da vida, são nuances pouco destacadas dentre o emaranhado do cotidiano. É justamente por Fábio Mura priorizar em sua análise as experiências concretas dos Kaiowa que este livro não pode ser classificado como um

¹ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: larafonsecamattos@gmail.com

livro de história, de cosmologia, da organização social ou de técnicas indígenas. À *procura do “Bom viver”* ... é um livro sobre o cotidiano doméstico entre os Kaiowa e tudo o mais que isso implica.

A etnografia de Fábio Mura é feita em interlocução com os Kaiowa, falantes de língua guarani, mais especificamente com grupos domésticos residentes no Cone Sul do Mato Grosso do Sul, Brasil. Por se tratar também de um livro de antropologia histórica encontramos nele uma breve história não só dos Kaiowa mas também dos Nandéva da região. No entanto, a etnografia deve ser situada de acordo com o período em que ocorre o diálogo do pesquisador e seus interlocutores, isto é, de 2002 a 2005 através de múltiplas formas de experiência de campo: perícia judicial, perícia técnica e etnografia.

Tendo por base descritiva as experiências históricas concretas dos Kaiowa, Mura ordena os 14 capítulos do livro em 4 partes distintas: a primeira parte é dedicada às situações históricas, a segunda, às dinâmicas políticas e territoriais, a terceira, à tradição e ao conhecimento e, a quarta e última, é dedicada à ecologia do grupo doméstico. Distribuídos entre estes quadros eixos temáticos, os arranjos sociais e as experiências territoriais e ecológicas dos Kaiowa ganham maior destaque na estrutura narrativa e analítica do texto.

A “Parte I” do trabalho se ocupa de diferentes situações históricas: à situação pré-conquista, a conquista (o que inclui os sistemas de encomendas), as reduções jesuíticas e as bandeiras paulistas, o ciclo da erva-mate pós-guerra do Paraguai, a colonização do Mato Grosso do Sul por população sul-rio-grandense e as consequentes espoliações das terras Kaiowa, culminando, enfim, no pós Constituição Federal de 1988, o que inclui as relações existentes com a Funai e, mais destacadamente, com o Ministério Público Federal (MPF). Cada uma dessas situações históricas é narrada através de uma mesma estrutura de conteúdo que conta com uma abordagem socio-ecológica-territorial articulada na intersecção entre os aspectos históricos e técnicos.

Os primeiros capítulos do texto lançam as bases que sustentam o restante dele. O que quero dizer é que essa primeira parte, classificada como um esforço de antropologia histórica, determina a forma com que os demais conteúdos do livro serão expostos e analisados. Esse enquadre histórico impossibilita que as descrições das relações sociais, territoriais e ecológicas sejam analisadas ou mesmo interpretadas pelo leitor como relações pré-determinadas, a-históricas, genéricas e reificadas. Ademais, a estrutura narrativa se apoia na crítica à ideia de que há aspectos do cotidiano que foram alterados (no sentido de adulterados) pelas contingências históricas vividas pelos Kaiowa e outros aspectos que se mantiveram autênticos, apesar dos pesares, e que, portanto, podem ser caracterizados como típicos e originais. Essa perspectiva acabaria por interpretar diferentes expressões materiais por critérios assimétricos de modo que os aspectos corrompidos seriam atravessados por contextos históricos enquanto os aspectos que se mantiveram “genuínos” pareceriam ilesos à história.

A “Parte II” do livro é dedicada às dinâmicas políticas e territoriais de constituição e manutenção do modo ser Kaiowa. Tais dinâmicas são

apreendidas e descritas pelo etnógrafo através da noção de *tekoha*, termo relacionado ao território e ao modo de ser guarani. Nesse sentido aprendemos que a construção, a manutenção e a transformação do *tekoha* implicam formas de ordenação sociológica e tecnoeconômica, assim como a construção e a manutenção do tempo-espaço mítico. No entanto, seria um erro compreender o *tekoha* como uma categoria imanente. Ao contrário, o *tekoha*, enquanto concepção de território e modo de ser ideal, é uma categoria temporal, ou seja, que corresponde à determinada situação histórica. A bem dizer, para cada situação histórica há uma construção territorial distinta e um modo de ser kaiowa distinto. Isso representa uma abordagem do território que implica fundamentalmente a análise de acontecimentos históricos, que, para o caso dos Kaiowa, significa considerar situações de dominação colonial e conflitos interétnicos.

Dessa forma, Mura propõe compreender o *tekoha* não como algo que ocorre aquém ou além das relações interétnicas de conflitos por território, e sim como uma constituição e manutenção de modo de ser que é responsiva a tais conflitos. É essa postura analítica que permite compreender que o *tekoha* não existe *apesar* dos conflitos, mas que existe na forma em que se apresenta nesta etnografia, também, *pelos* conflitos interétnicos em que os agentes indígenas estão implicados. Nessa parte do livro já adentramos à noção de que a construção e a manutenção da unidade política, religiosa e territorial Kaiowa ocorre por meio de atuações das técnicas políticas – de técnicas que organizam as técnicas, portanto uma meta-técnica – dessa sociedade. No entanto, é mais adiante que tais atuações serão melhor abordadas. O território Kaiowa é descrito através de dinâmicas entre diferentes espaços e relativas a técnicas de aquisição de objetos e uso desses. Dinâmicas que em sua atuação concreta, através de práticas técnicas e práticas de oratória, constitui o *tekoha* não como um espaço delimitado e estático, mas, ao contrário, como algo que emerge de atuações técnicas, a exemplo do forrageio de frutas em áreas urbanas, da prestação de serviços agrícolas, de deixar propositalmente que determinados vegetais brotem e se desenvolvam, como o caso das *hy'akua* (cabaças), etc. Em resumo, Mura defende, nessa parte do texto, que as relações territoriais vividas pelos Kaiowa precisam ser aprendidas a partir da concretude (literalmente material) da vida cotidiana dessas pessoas, o que inclui compreender processos tecnoeconômicos que não necessariamente estão atrelados a formas "tradicionais" de transformação, aquisição e uso da matéria.

A “Parte III” bem exemplifica como na análise de Mura a cosmologia, a sociologia e a técnica são abordadas como linhas de uma única tessitura. Dedicada à tradição de conhecimento, essa terceira parte apresenta as lógicas de ordenação e manutenção do mundo sensível e cosmológico kaiowa. Mura, em consonância com as práticas propostas pela antropologia da técnica, dá ênfase ao “fazer” e pondera as contradições entre a “palavra” e a “ação”. As técnicas de aquisição, práticas de obtenção de ferramentas e outros objetos de uso, e as técnicas verbais, oratórias, cantos etc., são exploradas na forma concreta

em que são acionadas para a ordenação e transformação do cosmos por formas tradicionais de conhecimento, o que consequentemente direciona essa parte do texto à interpenetração entre religião, técnica, parentesco, território e cosmologia.

Um exemplo da indissociabilidade entre estes diferentes aspectos pode ser encontrado na forma como a análise de Fábio Mura condiciona práticas religiosas à prática de conhecimento, que, por sua vez, apresenta-se como fundamentalmente técnica. Vejamos: o fator religioso é um elemento central da tradição de conhecimento dos Kaiowa e "tradicional" é uma das características do ato tradicional eficaz de Marcel Mauss (2015). Ou seja, as formas de tradição de conhecimento são técnicas de criação e manutenção das práticas que ordenam tanto o mundo sensível quando sobrenatural e natural Kaiowa. Práticas estas que são simultaneamente técnicas e religiosas. Dessa forma, as posturas assumidas por Mura, como um antropólogo da técnica, permitem perceber e, portanto, concordar e defender que nas próprias prerrogativas da antropologia da técnica se dá a possibilidade de incorrer em análises que não desassocia a vida cotidiana das pessoas em partes "partes" distintas e apartadas.

Por fim, a "Parte IV" do livro reafirma a impossibilidade de compreender em blocos apartados as relações que os Kaiowa estabelecem entre si, com a natureza e com os brancos. Afinal de contas a vida não se distribui dessa forma. Com ênfase na transposição histórica de técnicas de produção às atuais técnicas de aquisição e uso, Mura demonstra como o conhecimento intelectual é intrinsecamente relacionado ao conhecimento técnico. Nesse sentido é interessante notar como o autor propõe que a captura, o armazenamento e a transformação de energia são realizados por meio de um aglomerado de ações (o que inclui tanto gestos quanto palavras) do bem viver Kaiowa. Isso significa que a técnica, ou seja, toda o conjunto de ações que estabelecem e mantêm relações entre kaiowá, entre kaiowá e os sobrehumanos ou mais que humanos e, entre os kaiowá e os brancos, é um conjunto de articulações políticas. Nas palavras de Mura, a técnica é política e vice-versa. "Política é técnica que configura os fatos do cosmo" (MURA, 2019, p. 602). Enfim, o autor defende que as técnicas que constituem a ecologia doméstica kaiowá correspondem à política kaiowa.

Como foi possível perceber durante a exposição feita das quatro partes que compõem este livro, Mura lança mão de duas ferramentas analíticas. A primeira ferramenta que Mura utiliza é a "situação histórica", proposta por Pacheco de Oliveira (1988) e advinda das propostas da antropologia histórica. Essa ferramenta analítica não só possibilita a realização das análises gerais feitas pelo autor, mas também dá a diretriz para elaboração narrativa, e consequentemente analítica, de todos os capítulos do livro. A segunda ferramenta analítica usada por Mura é a noção de transformações técnicas, o que implica perceber a técnica como um fenômeno fundamentalmente social e que, de forma semelhante à "situação histórica", dá diretrizes para as análises feitas ao longo de todo o livro, o que inclui a parte dedicada, mais especificamente, à história. A "situação histórica" e a noção de transformações técnicas são ferramentas

que constituem uma postura metodológica que busca considerar e englobar diferentes e divergentes aspectos do cotidiano kaioiwá em cadeias de operações, ou seja, em ordenações sequenciais (cadeias) de ações (operações) que se relacionam de forma interdependente.

Tais cadeias gerais de operações são inspiradas na proposta de cadeia operatória de Leroi-Gourhan. Aqui é importante ter em mente que cadeia operatória é método advindo das propostas desse autor, ainda que mais amplamente sistematizado – e transformado – em Lemonnier (1992). Mura, à semelhança do que outros autores da técnica também farão, lança mão da lógica das cadeias operatórias precisamente através de uma proposta de reformulação de alguns dos princípios operadores dessas cadeias. Vejamos. Fábio Mura enfatiza a insuficiência das propostas de Leroi-Gourhan, em uma interpretação do autor que se restringe à noção de transformação da matéria. No entanto, lança mão da cadeia operatória enquanto método sistêmico. É nesse sentido que tal método passa por duas importantes reconsiderações. Primeiro, a noção de que toda ação eficaz deve ser lida a partir de noções étnicas do que seja eficaz e que conseqüentemente traz para dentro da análise a cosmologia e a sociologia. Essa primeira postura crítica encontra-se em outros autores da antropologia da técnica como Coupaye (2017). Segundo, tais cadeias devem ser apreendidas como dinâmicas instáveis e abertas, porém sempre determinadas por contextos históricos específicos. Nesse sentido, talvez a novidade de Mura esteja na imprescindibilidade da diacronia (não no sentido da própria lógica de encadeamento da cadeia, mas no sentido alargado da história) na abordagem dessas cadeias.

Repito, *À procura do “Bom viver”* ... é essencialmente um livro sobre a concretude da vida doméstica kaioiwa. E a essa altura, acredito, o leitor já deve ter compreendido que tal cotidiano só pode ser descrito a partir da concretude de ações (que são técnicas) e da precisão de uma determinada situação histórica. Também penso que já deve ter aprendido que é precisamente neste cotidiano doméstico que reside a ordenação cosmológica e, portanto, a prática política kaioiwá. Em consequência, pode-se dizer que é um livro que se desenvolve através de dois eixos analíticos: primeiro, da relação entre história e técnica; segundo, da intersecção entre técnica e disputas de poder.

História e técnica e técnica e disputas de poder, são abordagens presentes na antropologia da técnica feita no Brasil. Desta forma, é possível qualificar a etnografia de Mura como uma etnografia pertencente à antropologia da técnica brasileira. A intersecção entre técnica e disputas de poder, mais precisamente no que diz respeito a disputas que envolvem reivindicação de direitos territoriais e conflitos ambientais, tem marcado de forma significativa as etnografias que constituem a, ainda tímida, antropologia da técnica brasileira. Vide os trabalhos de Di Deus (2017), de Sautchuk (2021) e de Fagundes (2019). Ainda que em menor medida, a relação entre história e técnica, também tem caracterizado os trabalhos de técnica feitos no Brasil. Mura inaugura essa relação que mais adiante é continuada pelo trabalho de Di Deus (2017), em uma etnografia conformada integralmente nesta intersecção.

Ainda que ambas as intersecções possam ser encontradas em outros trabalhos pertencentes a essa área de estudos, é importante notar que a soma destes três eixos – técnica, história e disputas de poder, ordenados em dois conjuntos relacionais, isto é, técnica e história e técnica e disputas de poder – é uma combinação singular que caracteriza e qualifica o trabalho de Fábio Mura. E é nessa dupla convergência que reside o valor etnográfico e analítico de *À procura do “Bom viver”* ... Por fim, cabe dizer que a leitura dessa etnografia é um convite para repensarmos o lugar, muitas vezes inexistente, das ações ordinárias das pessoas, isto é, os gestos que usam para cortar algo, para coletar algo etc., seja em seus terreiros, em matas ou nas ruas de uma cidade, nas obras etnográficas da antropologia. Como Mura bem demonstra, um olhar mais atento à pequenos gestos não significa um exercício de abstração dos aspectos sistêmicos da vida de uma sociedade, sejam eles cosmológicos, sociológicos ou políticos. Ao contrário, voltar a atenção etnográfica aos aspectos técnicos é uma postura metodológica imprescindível para de fato compreender as formas de construção, transformação e manutenção dos territórios. E, uma vez compreendidas tais formas, que são sempre diversas, é possível construir etnografias que de fato sejam, também, ferramentas de reivindicação de direitos territoriais.

Referências bibliográficas

COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. *In*: SAUTCHUK, Carlos Emanuel (Org.). **Técnica e Transformação: Perspectivas Antropológicas**. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017;

DI DEUS, Eduardo. **A dança das facas**: Trabalho e técnica em seringais paulistas. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade d Brasília, Brasília, 2017.

FAGUNDES, Guilherme Moura. **Fogos gerais**: transformações tecnopolíticas na conservação do cerrado (Jalapão - TO). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2019.

LEMONNIER, Pierre. **Elements for an anthropology of technology**. Ann Arbor, MI: Museum of Anthropology, 1992.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2º Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O Nosso Governo**: Os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; [Brasília]: MCT-CNPq, 1988.

SAUTCHUK, Carlos. **O arpão e o anzol**: técnica e pessoa na Amazônia. Brasília: Ed. EDU, 2021.

Recebido em: 09/09/2023 * Aprovado em: 12/11/2023 * Publicado em: 31/12/2023
